

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

Rafaela Fagundes Machado

Curvas em Dança:

O YouTube como ferramenta de discussões sobre o corpo gordo na dança

2022

Rafaela Fagundes Machado

Curvas em Dança:

O YouTube como ferramenta de discussões sobre o corpo gordo na dança.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Dança.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Flavia Pilla do Valle

Porto Alegre, RS

2022

Curvas em Dança:

O YouTube como ferramenta de discussões sobre o corpo gordo na dança

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Luciana Paludo - UFRGS

Orientador – Prof. Dra . Flavia Pilla do Valle - UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as bailarinas que não puderam ser, e que morreram antes de chegar ao palco.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha avó, que sempre me assistiu do mezanino, mesmo quando não podia se fazer presente, se fazia luz no fundo da platéia.

EPÍGRAFE

“Ser ninguém que não seja você mesmo em um mundo que está fazendo o seu melhor, dia e noite, para torná-lo igual a todo mundo, significa lutar a batalha mais dura que um ser humano pode lutar; e nunca parar de lutá-la.”

- Edward Estlin Cummings

RESUMO

Esse trabalho aborda a relação da gordofobia com o padrão estético exigido pelo corpo que dança profissionalmente. A representação midiática dos corpos unida à indústria da imagem, cada vez mais impositiva devido às redes sociais, e que permeia as relações interpessoais criam uma ansiedade sufocante e generalizada, que é a temática abordada pelo *Canal do Youtube “Curvas em Dança”*. Aqui a autora traz como objetivo, a construção e o registro do canal mencionado, relatando, a partir da sua perspectiva pessoal, a formação da sua carreira profissional e as pressões estéticas com as quais teve que conviver. Ao apresentar em formato audiovisual o corpo fora do padrão para a cena, a autora propõe uma tentativa de criar uma ética pessoal ao encorajar uma estética da diferença. Surge com a ideia de movimentar discursos a partir da fricção que se origina dos encontros com profissionais da arte fora do padrão estético regente. Busca-se contribuir para qualificar corpos não hegemônicos, fomentando reflexões sobre a pressão estética e a gordofobia na dança. A metodologia de pesquisa envolve, além da revisão bibliográfica, técnicas inspiradas na etnografia, como entrevistas, e autoetnografia, que abordam a experiência pessoal da pesquisadora. Tem um caráter documental pois cria um registro através do canal do YouTube intitulado *“Curvas em Dança”* ao mesmo tempo que o analisa. Os dados se dividem em três partes: “Qual é a dança que te cabe?” que traz relatos pessoais em diálogo com outras experiências e autores; “Curvas cotidianas” que lidam com práticas artísticas; e “Conversas fora da curva” que são entrevistas com pauta aberta. Por fim, conclui-se que falar dos modelos hegemônicos de corpos na dança é primordial para ampliação dessas discussões.

Palavras-chave: dança, gordofobia, corpo gordo, YouTube.

SUMÁRIO

1 ABERTURA DE CORTINAS _____	09
2 METODOLOGIA _____	11
3 CONSTRUÇÃO DE UM CANAL GORDO NO YOUTUBE _____	13
3.1 Qual é a dança que te cabe? _____	17
3.2 Curvas em dança _____	22
3.3 Conversas fora da curva _____	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	31
5 REFERÊNCIAS _____	33

1. ABERTURA DE CORTINAS

Esse trabalho aborda a relação da gordofobia com o padrão estético exigido pelo corpo que dança profissionalmente. A representação midiática dos corpos unida à indústria da imagem, cada vez mais abordada devido às redes sociais, e que permeia as relações interpessoais criam uma ansiedade sufocante e generalizada, que é a temática abordada pelo *Canal do Youtube "Curvas em Dança"*. Neste capítulo introduzo, ao leitor, as propostas do trabalho trazendo os problemas a serem tratados e seus objetivos. Justifico também a importância desse trabalho para a academia.

As principais questões norteadoras desta pesquisa 1) Como contribuir para a disseminação de corpos diferenciados na atuação da arte da dança? 2) Como a internet pode atuar na inclusão ou exclusão de corpos insubmissos no circuito profissional da dança? 3) Como a pandemia deu visibilidade às questões online sobre gordofobia? Ao problematizar essas questões, busca-se contribuir para qualificar corpos não hegemônicos, fomentando reflexões sobre a pressão estética e a gordofobia na dança. Existe essa ditadura da magreza que envolve não só o *ballet* clássico, mas grande parte do mundo profissional da dança, e isso, muitas vezes, significa não haver espaço para corpos fora desse "regime" terem oportunidades de se profissionalizar. Dessa maneira, o objetivo central da pesquisa está em refletir sobre a construção e o registro do *Canal do YouTube "Curvas em Dança"*, o qual relata, a partir da sua perspectiva pessoal, a formação da sua carreira profissional e as pressões estéticas com as quais teve que conviver. Nos Objetivos Específicos trabalha-se para relatar, a partir da perspectiva pessoal da pesquisadora, a construção da sua carreira profissional e as pressões estéticas, no que diz respeito ao tema central aqui tratado. Nesse sentido, se propõe também a apresentar o *canal do YouTube "Curvas em Danças"* e a trazer danças com o corpo fora do padrão para a cena, as quais possam fomentar uma estética da diferença. Por fim, almeja-se trazer outras perspectivas de profissionais da arte, fora do padrão estético hegemônico, quando o parâmetro é a magreza.

A pertinência desta pesquisa e sua justificativa está em difundir uma questão de luta pessoal, mas, que não fica restrita à minha vida profissional com a dança. Eu busco disseminar a arte da dança como possível agente de transformação social, a partir de uma reflexão acerca do cotidiano de bailarinos gordos que foram ou serão

podados, ao longo de suas carreiras, no *ballet* clássico e em outras danças – e que buscam novas formas de se relacionar, de se enxergar e, porque não, de viver do seu trabalho com o *ballet*.

Com isso quero contribuir para qualificar corpos não hegemônicos, dando início a uma discussão reflexiva sobre a pressão estética e a gordofobia na dança. Tal discussão dificilmente é feita nos ambientes em que a dança se consolida enquanto atividade formativa e profissional.

Nesse sentido, eu questiono o campo profissional, e busco atuar de forma política para que os ambientes formativos e profissionalizantes se tornem menos preconceituosos e mais psico saudáveis, tornando a discussão acadêmica uma forma ativa de mudança social, entendo também que uma atuação política é uma atuação que nos permite agir de acordo com as próprias escolhas, eleger, optar para que isso se transforme em uma ação de transformação do entorno, “ainda hoje, usamos a expressão “tomar posição” para nos referirmos ao ato de fazer uma escolha, de realizarmos uma opção no campo da política.” (DM de A, pg 187).

A etimologia da palavra política remete, justamente, ao bom governo da cidade, àquele cidadão, àquele habitante da cidade que dedicava suas ações ao benefício da polis. O que, para mim significa a ação de escolha para bem governar a polis, “é um gesto político trazer o corpo para o centro da narrativa histórica, o corpo em sua materialidade passível de corrupção pelo tempo, em sua carnalidade, em sua sanguinidade.” (DM de A, pg 188). Corpos disruptivos, não hegemônicos que quebram paradigmas e resistem através da sua arte, são corpos políticos que agem para transformar a pólis, corpos transgressores que enxergam uma possibilidade, mesmo que remota de desenvolver a sua formação e reconhecer-se como Bailarinos Disruptivos, que quebram paradigmas e se impõe alargando espaços, através da própria (R) existência.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo irei relatar sobre a metodologia desta pesquisa, ou seja, como foram delineados os caminhos que foram trilhados para se alcançar os objetivos e responder, mesmo que provisoriamente, as questões da pesquisa. Há incontáveis metodologias, aqui eu busco me assessorar de conhecimentos de diversas técnicas de pesquisa que me elucidam e ajudam meu modo de fazer a pesquisa.

Optei pela técnica das narrativas pessoais para os relatos de gordofobia experimentada em vida. Para isso me inspirei na autoetnografia, no qual quem pesquisa não apenas relata uma situação observada, participada ou não, mas também faz uso de suas próprias experiências como objeto de estudo, uma vez que se compreende como parte integrante de um contexto social macro cujos fenômenos também se manifestam em si como sujeito (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011).

Outra estratégia de pesquisa se deu a partir da inspiração na etnografia, através de entrevistas com pauta aberta que apenas apresentava certos tópicos relacionados às experiências pessoais de cada entrevistado; um pouco da sua história, dos seus trabalhos, produções artísticas e/ou acadêmicas, mas principalmente a sua relação com o corpo na cena, nas aulas/ensaios, etc. A partir destes relatos, acontecia uma conversa informal. Negrine (2004) nos elucida que a palavra entrevista encerra o significado de encontro combinado, marcado entre pessoas para ocorrer em lugar previamente determinado. Diz respeito ainda à prestação de informações ou de opiniões sobre determinada temática, feita de forma oral, pelo entrevistado. O mesmo autor ainda fala que se constitui em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que elaborou como roteiro.

O Canal de YouTube foi uma plataforma que se instituiu como ferramenta de registro, servindo como um repositório de dados. Dessa maneira, assinala-se o teor do *Canal do YouTube Curvas em Dança* como um documento para ser analisado. Percebe-se, assim, que a pesquisa também tem um caráter documental, no qual a “[...] fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (LAKATOS; MARCONI, 2001,

p.174). Os autores ainda dizem que “estas fontes podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p.174).

Foi através desses registros em vídeo, a partir dos conteúdos das falas realizadas nas entrevistas abertas, que me propus a pensar os vídeos do *Canal do YouTube Curvas em Dança* como recurso e fonte para pesquisa. Além de outras possibilidades de pesquisa, os relatos e produções artísticas, desenvolvidas através do meu processo de criação individual e coletivo durante a pandemia, são como um possível documento (relatos, registros em vídeo, *lives*, e todo e qualquer material apresentado no canal do Youtube *Curvas em Dança*), esse fenômeno ocorrido que se transforma em fonte de coleta.

Busquei, também, me aproximar de bibliografias que tratam do assunto abordado, com uma revisão bibliográfica, que me fez perceber a carência de pesquisas sobre a temática escolhida , a pesquisa bibliográfica

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. Lakatos e Marconi (2001, p. 183)

E desta forma, optei por dialogar com autores que conversam com a minha pesquisa, mesmo que indiretamente.

3 CONSTRUÇÃO DE UM CANAL GORDO NO YOUTUBE

A construção do *Canal no YouTube “Curvas em Dança”*, surgiu da minha necessidade de identificação com os meus pares na dança, com pessoas disruptivas, largas, potentes, cheias de curvas e que, assim como eu, são julgados e, muitas vezes excluídos, de espaços como o circuito profissional da dança. Eu nunca fui razoável e sempre tive problemas em me conformar.

“Não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte.” (DELEUZE, 1992, p. 123). E é a partir desta afirmação de Deleuze, que apresento o meu formato disruptivo de fazer dança, que foi construído através da minha história, e das minhas experiências no ambiente formativo que conto um pouco de como cheguei no espaço profissional, e o porquê, de mesmo tendo essas oportunidades, ainda me sinto inconformada e sigo buscando os meus pares para validar o discurso que quero comunicar e o que sinto em relação aos ambientes em que me insiro hoje.

Quem nunca ouviu falar que pra ser bailarina a gente tem que ser magra, fina, esquelética? Ou que bailarino gordo não pode saltar, pois é pesado? Que bailarina gorda não pode usar sapatilhas de ponta, pois não suportaria o próprio peso? Quem nunca soube de histórias de escolas tradicionais de *ballet* clássico por aí, com balanças na porta da sala de aula e pressões absurdas para que seus bailarinos fossem magérrimos? Pois é, quem no mundo *bailarinístico* nunca se deparou com esse tipo de situação, ou nunca ouviu falar sobre o assunto, é muito privilegiado, ou não quer ver.

Numa sociedade de extrema valorização das imagens, duro é o destino, de quem é visto como irresponsável e transgressor, na sua apresentação corporal. Não é, igualmente, difícil imaginar, que gera no sujeito, um eterno sentimento de insuficiência e insatisfação com a própria aparência. Vilhena, J.V. & Novaes, J.V (2015, p. 1)

Dessa forma é possível reconhecer que existe uma pressão para que tenhamos um mesmo formato de corpo, um corpo socialmente aceito, que não destoa, mas que ao mesmo tempo é inatingível, quase impossível de ser alcançado. Um corpo “virtual”, um corpo “virtuoso”, um corpo cultuado pela mídia, que é transformado através da tecnologia, das artimanhas virtuais, das redes sociais e

seus filtros, Filtros que distorcem a imagem que temos de nós mesmos, validando uma beleza “aceitável” de acordo com o padrão estético pré existente, filtros que aumentam nossos olhos, diminuem nossas bochechas, afinam cinturas e toda a sorte de procedimentos virtuais, que queremos trazer pro real, nos utilizando dos recursos mais violentos e invasivos possíveis, como ilustrado no curta “X is for XXL”, de Xavier Gens, da antologia de curtas macabros “ABC of Death, Volume 1” e que me fez refletir sobre o quanto a pressão estética nos faz querer e cogitar seriamente, que a modificação dos nossos corpos seja tão violentamente normalizada.

Existe essa ditadura da magreza que envolve não só o *ballet* clássico, mas grande parte do mundo profissional da dança, e isso, muitas vezes, significa não haver espaço para corpos fora desse "regime" terem oportunidades de se profissionalizar. A consequência dessa situação é que esses corpos sofrem um grande preconceito, a partir da forma física e muitas vezes não se sentem confortáveis nos ambientes de formação em dança.

Claude Fischler (2005) apresenta uma ambivalência de opiniões em seu texto *Obeso benigno, Obeso maligno*, realizada na França em setembro de 1989, em que as pessoas afirmavam que o corpo gordo transpassa uma imagem de jovialidade e simpatia, porém, em seus comentários havia sempre uma suspeita, de que esta postura era, nada mais, nada menos que uma fachada, na verdade o gordo se esconde nesta postura, mas dissimula um sofrimento, uma tristeza. Acredito que esse retrato de um duplo estereótipo, se perpetua, socialmente, existe uma admiração sobre o corpo gordo em cena, uma surpresa do público ao assistir corpos maiores em movimento, na dança, tudo, até os mínimos detalhes, para se tornarem espetaculares. Mas, de fato, o corpo gordo busca apenas existir no espaço da dança, sem, necessariamente, causar estranhamento, espanto ou surpresas.

Existem espaços sociais, estereótipos criados para os quais o corpo gordo “serve”, onde o corpo gordo se encaixa e é nítido o desconforto dos corpos que não se encaixam nesses termos, ao se posicionarem ou receberem elogios quase que como gritos de espanto ou surpresa, quando os públicos assistem às suas performances. Desta forma, me sinto instigada a comunicar e incentivar corpos gordos em formação, sobre as oportunidades e dificuldades do nosso fazer artístico. Foi assim que decidi criar um canal no YouTube soltar o verbo e contar, através dos meus vídeos, como foi a construção da minha trajetória profissional na dança, como

as minhas “Curvas em Dança” ganharam espaço no circuito artístico de Porto Alegre, além das diferentes situações que eu já passei por não ter o corpo padrão imposto socialmente pra dançar.

O canal teve início no dia 15 de outubro de 2020, com o vídeo “Qual é a dança que te cabe?”. Esse vídeo foi um relato pessoal da minha trajetória na dança e dos meus questionamentos sobre o espaço que eu deveria caber, mas nunca cabia. Ao longo de um ano, eu transformei “Qual é a dança que te cabe?” em uma série de vídeos, com outros relatos com temas diversos, mas que estão sempre atravessando a minha dança.

Na playlist do Youtube, homônima ao *Canal Curvas em Dança*, compartilho meus trabalhos artísticos, as vertentes que me atravessam e as experiências desenvolvidas a partir da pandemia, é aqui que eu posso manifestar e apresentar a um público imensurável, que só tem esse alcance, através da internet, um corpo não hegemônico dançante, que se profissionalizou e que propõe novos formatos de dança para um público geral em formação, ou não, uma certa provocação, uma nova perspectiva desse corpo em movimento, que possui dobras, curvas, gorduras, que incomoda os modelos mais tradicionais propostos e que se impõe. O canal do Youtube hoje, conta com 96 inscritos, 1,5 mil visualizações e 185,7 horas de exibição, com uma frequência baixa de postagens.

Além de vídeos informativos e produções artísticas, desenvolvi a série de *lives*, intitulada: “Conversa Fora da Curva”, onde convidei artistas gordos, de diversos segmentos artísticos, para apresentarem seus relatos a partir das suas experiências com a pressão estética e a gordofobia na dança ou nas artes cênicas. Em seguida irei discorrer sobre cada um desses segmentos no meu canal, que foram surgindo de acordo com a minha necessidade de expor e de propor trocas com corpos que gerassem identificação em mim. Algumas reações aos vídeos do canal, como estas abaixo, me encorajaram a seguir produzindo.

Vc é maravilhosa como pessoa, professora, artista, e como mulher empoderada que ajuda e encoraja outras mulher que sofrem uma vida inteira com problemas de peso, auto estima, depressão, anorexia, bulimia, buscando um “corpo perfeito”, encorajando-as a se amarem... (Manuxinha, 2021)

Rafa, sinto muito pelo o que tu passou lá na escola, tu é maravilhosa. Desejo que tu consiga cada vez mais espaço e também atingir as meninas que estão precisando ouvir que elas podem e devem seguir na dança. Amei a iniciativa! ♥
(VivianeHittl, 2020)

Ótima proposta do canal!!! Tema muito importante para ser discutido, precisamos falar sobre isso!! Aguardando ansiosamente pelos próximos vídeos! (Gabrielle Fraga, 2020)

O retorno foi sempre positivo, e outros corpos gordos também me relataram identificação com os relatos pessoais, conversas em live, produções artísticas, alguns comentários recebidos durante as *lives* apresentadas, demonstram este retorno, veja:

3.1 Qual é a dança que te cabe?

Antes mesmo de pensar em ter, ou saber do que se tratavam as redes sociais, eu sentia que havia em casa, uma pressão pela busca do corpo magro, considerado “saudável” de acordo com revistas, propagandas e programas de televisão. Infelizmente, a gordofobia não está presente apenas nas redes sociais e nem é feita somente por desconhecidos. Muitas vezes, até os próprios familiares contribuem para essa prática do preconceito, [...] quando reproduzem frases do tipo "você é muito bonita de rosto filha, mas deveria emagrecer para ficar mais bonita ainda". Assim como a educação pode vir de berço, o preconceito também. Portanto, é necessário analisar as diversas práticas gordofóbicas e como a mulher gorda lida com essa problemática (NERY, 2018, p. 4). Eu via a minha mãe lutando todos os dias com a aceitação do próprio corpo, participando dos regimes da moda, utilizando dicas de revistas, bebendo chás, sucos, pílulas mágicas, toda a sorte de produtos que prometessem o estado de graça maior “ser magra”. E não importava o que fosse, a procedência duvidosa, ela acabava seguindo, pois, parecia ser muito pior ser gorda.

Sentimentos de baixa auto-estima correm paralelos à constante insatisfação com a forma corporal, ou seja, a auto-estima depende da eficiência de seus métodos para alcançar o corpo desejado. Tudo funciona como se os outros valores pessoais não existissem ou fossem secundários, pois só conseguem se sentir socialmente aceitos se estiverem fisicamente dentro dos padrões desejados pela sociedade. (AZEVEDO & ABUCHAIM, 1998, p.35)

Eu e a maioria das mulheres que conheço, cresceu assim, vendo suas mães, avós, tias, figuras femininas com as quais se identificavam, buscando a graça de serem magras e aceitas, pois só assim elas conquistariam tudo o que desejavam. O problema disso, é o que reverberou na geração das redes sociais; seguimos deixando que controlem o formato dos nossos corpos, e quase morremos ao escutar críticas a respeito dele. Virginie Despentes (2016), em seu livro “A Teoria King Kong”, discorre sobre o controle dos corpos femininos pelo Estado, e o quanto esse controle, essa insatisfação, essa insegurança nos separa de posições de poder, de cargos de poder, e como as figuras femininas relacionadas a eles são sempre figuras que seguem um padrão estético social.

Mamãe sabe o que é bom para as crianças - repetem-nos de todas as maneiras possíveis -, ela possui esse poder assombroso de maneira intrínseca. Réplica doméstica daquilo que se organiza coletivamente: o Estado sempre vigilante sabe melhor do que nós o que devemos comer. (...) Somente ela sabe punir, enquadrar e manter as crianças em estado de infância prolongado. (DESPENTES, 2016, p. 20)

Eu tinha 3 anos quando conheci o *ballet*, e 5 quando me apaixonei perdidamente por ele. Aos 9 anos ouvi muitas vezes que era gordinha e não me encaixava no que o *ballet* exigia, esse foi o começo da minha relação com a dança e da distorção que eu fazia da minha imagem. Os registros fotográficos desta época não condizem com a imagem que eu construí sobre mim mesma, ainda assim eu insisti.



Com 15 anos eu me formei em *ballet*, e com 16 comecei a dar aulas, vendo a dança como um caminho profissional. Comecei a perceber meu corpo como sendo parte de uma maquinaria de poder, um corpo controlado passível de qualquer modificação, caso fosse exigido para que se encaixasse nesses padrões deformadores. Afinal, não existia, em mim esse corpo, esse formato, principalmente após o episódio, que cito no meu primeiro vídeo do canal no YouTube “Qual é a dança que te cabe?”. Nele conto sobre uma aula demonstrativa, em que eu era a professora e após os comandos referentes à postura das minhas alunas, a diretora da escola faz um comentário sobre colocar a “barriga para dentro”, pois a única gorda da sala de aula era a professora. E aqui, ela se refere ao adjetivo gorda, como algo pejorativo, com asco e um olhar de reprovação.

No auge dos meus 17 anos, percebendo que precisava me encaixar para fazer parte daquele circuito, comecei a consumir laxativos e diuréticos, com o intuito de perder peso, cada vez mais.

Quando você está acima do peso, seu corpo se transforma num registro público, em muitos sentidos. Seu corpo está em constante exposição. As pessoas projetam narrativas presumidas em seu corpo e não estão nem um pouco interessadas na verdade dele, qualquer que seja essa verdade.” (GAY, 2017, p 105)

Assim, cada vez mais eu tentei seguir as projeções que me foram criadas: perdi 13kgs e dancei como corpo de baile, no renomado “O Lago dos Cisnes”, realizado no Salão de Atos da UFRGS, em 28 de junho de 2009.



Mas, mesmo com insistência e amor pelo que eu faço, meu corpo seguiu não sendo o ideal, bonito ou suficiente, para o *ballet* clássico, e nem pra nenhuma outra dança como bailarina profissional (não nos enganemos em relação a isso). “É preciso ser muito menos gordo para ser gordo na dança!” (RICARTE, 2019).

Escutei muitas coisas desagradáveis, me machuquei muito para chegar próximo a um corpo ideal e nunca me encaixei ou coube o suficiente nele.

Até o ano de 2019, com 26 anos, eu ainda tinha na cabeça que pra ser profissional eu devia pesar pelo menos 30kgs a menos do que eu pesava na época. Deveria me submeter a toda e qualquer dieta, intervenção ou pílulas milagrosas que me tornassem mais magra, mas, eu tive a oportunidade de assistir a um Ensaio da Muòvere Cia de Dança¹, e percebi um bailarino gordo, conhecido no circuito contemporâneo de Dança e Teatro de Porto Alegre, Denis Gosh². Isso me inspirou a

¹ Muòvere Cia de Dança é uma companhia de dança contemporânea fundada em 1989, na cidade A de Porto Alegre. Atua nas atividades de produção, fomento, formação e pesquisa em dança.

² Denis Gosch é ator, diretor, bailarino, produtor cultural e professor de teatro e dança, bacharel em Interpretação Teatral/UFRGS com mais de 20 anos de carreira. Participou de turnês de teatro e dança pelo Brasil, países do MERCOSUL e Europa com as companhias Santa Estação Cia de Teatro

fazer a audição de abril daquele ano, para o Espetáculo Choking³ - parte do repertório da Companhia – e passei, para a minha surpresa, na época.

O Espetáculo Choking foi criado a partir de questionamentos sobre as relações estabelecidas entre realidade e ficção, na interação cotidiana com a internet; criação de Jussara Miranda, coreógrafa e diretora geral da Muòvere Cia de dança e Direção Artística de Diego Mac⁴. Ao dançar esta segunda versão de Chonking, em 2019, participei de um processo muito desafiador e intenso, ao longo dos ensaios fui me descobrindo como bailarina profissional, identifiquei-me com a disruptividade de outros dois corpos presentes na cena comigo, o corpo de uma



mulher negra, Luísa Dias Rosa e de um homem cis homossexual, Fellipe Resende. Dois corpos tão rejeitados socialmente, quanto o meu corpo gordo. O Espetáculo Choking de 2019 se tornou, pra mim, um ato revolucionário, um ato disruptivo num teatro clássico. Para além da construção coreográfica, cênica, os três corpos que ali estavam,

discursavam por si só. Uma escolha estética, coreográfica, narrativa que gerava provocações para tensionar os elementos da linguagem da dança, um olhar contemporâneo sobre a arte e que me fez entender que meu corpo podia ser presença cênica, ser espetáculo, sem parecer deslocado, ser dança e potência, com o tamanho, o formato e as curvas que ele tem, comecei a alargar meus horizontes e encontrar espaços que deixavam caber sem ficar expremida.

Aquele momento foi uma virada de chave, libertador e profundo que me permitiu crescer como ser humano, como artista e, por que não?, como bailarina

e Muovere Cia de Dança Contemporânea, sendo interprete criador e ensaiador de diversas obras destes grupos.

³ Espetáculo Choking foi criado a partir de questionamentos sobre as relações estabelecidas entre realidade e ficção na interação cotidiana com a internet.

⁴ Diego Mac é artista, diretor de dança, coreógrafo, bailarino, videoartista, artista 3D, produtor e gestor cultural. Atua há 25 anos no campo cultural e do entretenimento em projetos artísticos. Diretor da Macarenando Dance Concept. Diretor artístico da Muovere Cia de Dança. É graduado em Dança. Mestre e especialista em Poéticas Visuais. Iniciou atuação profissional em 1997, tendo trabalhado em mais de 300 projetos culturais. Seu trabalho é reconhecido no cenário local e nacional, com mais de 20 prêmios recebidos.

que sou. Pela primeira vez na vida eu me reconheci como uma bailarina de verdade, uma bailarina profissional.

Por ironia do destino, a única gorda da sala de aula de *ballet*, a professora de 16 anos, que foi humilhada pela direção de uma Escola de *Ballet* tradicional (que aqui não será nomeada, por questões éticas de minha parte, sendo ridicularizada pelo formato do seu corpo, estava lá, dia 10/11/2019, dançando nua no Theatro São Pedro, mostrando as dobras e curvas que são tão minhas; passando por um processo de aceitação e realizando o sonho de tanta bailarina gorda ou não, que já se frustrou com um padrão imposto à forma de seu corpo, todos os dias.

3.2 Curvas em dança

Aqui é o espaço em que compartilho meus trabalhos artísticos, as vertentes que me atravessam e as experiências desenvolvidas a partir da pandemia. É neste lugar que eu posso desenvolver e apresentar ao grande público um corpo não hegemônico dançante, “Numa sociedade de extrema valorização das imagens, duro é o destino, de quem é visto como irresponsável e transgressor, na sua apresentação corporal.” (VILHENA, 2015, p. 13). No canal do YouTube Curvas em Dança, esse corpo que se profissionalizou e que propõe novos formatos de dança vem para um público geral, em formação, ou não para problematizar o corpo gordo que muitas vezes, é visto como um corpo que traz consigo esta provocação de ser irresponsável e transgressor, por existir. É neste lugar que apresento uma nova perspectiva de um corpo em movimento, que possui dobras, curvas, gorduras, que incomoda os modelos mais tradicionais propostos, mas que se impõe.

Pensando em um contexto histórico de como o surgimento do corpo *bailarinístico* foi construído, é importante lembrar como a era romântica do ballet marcou a ascensão das bailarinas femininas, sendo parte central dos ballets de repertório, onde anteriormente os homens tinham dominado performances, agora era a vez das mulheres se tornarem protagonistas destas histórias. Foi através da invenção das sapatilhas de pontas e do surgimento deste protagonismo, que Felippo Taglione, pai de Marie Taglione, trouxe para a cena o primeiro ballet romântico da história da dança ocidental, o Ballet “La Silphyde”. A intenção de Felippo Taglione era protagonizar Marie Taglione, que não era considerada uma bailarina dentro dos padrões socialmente aceitos, nos anos 1800. A bailarina, que mais tarde viria a se tornar um ícone, muito elogiada pelo seu lirismo, era considerada “alongada” demais para a época, e portanto, os movimentos de braços arredondados e a inclinação na parte superior do corpo, se tornaram presentes na coreografia de “La Silphyde”, bem como os movimentos das pernas se tornaram mais elaborados, devido ao comprimento novo dos tutus, o que gerou um aumento nos padrões de proficiência técnica e perpetuou a imagem de uma protagonista em evidência, mas sempre frágil, delicada e perdidamente apaixonada.

O grande mal entendido em que se assenta esse sistema de interpretação está em que se admite que é natural para o ser humano feminino fazer de si uma mulher feminina: não basta ser heterossexual nem mesmo uma mãe, para realizar este ideal; a “verdadeira mulher”

é um produto artificial que a civilização fabrica, como outrora eram fabricados castrados: seus “instintos” de coquetismo, de docilidade são lhe insuflados, como ao homem o orgulho fálico. Ele nem sempre aceita sua vocação viril, ela tem boas razões para aceitar menos docemente ainda, a que lhe é designada. (BEAUVOIR, S. 1967, p. 148)

A citação de Simone de Beauvoir, acima, evidencia o quanto nós, mulheres, permitimos intervenções externas do que se constrói como imaginário, ideal feminino, somos constantemente assaltadas de lições, porquês, correções de como ser, agir e falar. De fato, hoje, com o que é considerado a quarta onda do feminismo, com a força das redes sociais, e com a necessidade de sentir-nos mais nós, percebe-se uma resistência, uma força questionadora e uma reivindicação de ser quem se é. E isso, sem, necessariamente, seguirmos um padrão controlador dos nossos corpos e comportamentos. Então, e porque seguimos acreditando que uma bailarina que se identifica como mulher no palco, precisa ser um corpo frágil, dócil e romantizado, das protagonistas mais clássicas conhecidas?

Exatamente, cansei, assim como muitas de nós, bailarinas disruptivas, de corpos contra hegemônicos, que dançam transgredindo o padrão imposto, cansamos. Por isso um novo movimento é encontrado nas redes sociais, quebrando paradigmas dentro da cena artística mas também nas redes sociais. Ao encontrar meus pares, através das redes sociais, e não só o Youtube, outras ferramentas de interação, entendo que podemos subverter o controle de seus próprios algoritmos. A rede social se tornou um mecanismo de tortura diário, desenvolvido por entidades invisíveis, que não participam do processo de autodestruição gerado por seus algoritmos. Isso cria uma massa informe de consumidores repletos de mágoas e a necessidade de um corpo coletivo sobre o qual Virgine Despentes diz:

Trata-se de um dispositivo cultural onipresente e preciso que predestina a sexualidade das mulheres à impotência. (...) Existe uma pré disposição feminina ao masoquismo e ela não surge dos hormônios ou do tempo das cavernas, mas de um sistema cultural preciso, e também não vem sem implicações incômodas dentro do uso que podemos fazer de nossas independências. Voluptuosa e excitante essa pré disposição é também prejudicial: “ser atraída por aquilo que nos destrói, sempre nos separa do poder”. (..) É ao mesmo tempo aquilo que me desfigura e aquilo que me constitui. (DESPENTES, 2016, pg. 43)

Essa busca eterna por um padrão imagético disseminado nas maiores redes sociais e que criam esta cultura traumática da busca por um corpo “ideal” através de cirurgias plásticas, restrições alimentares, excessos de atividades físicas, etc. E isso ocorre em corpos cada vez mais jovens, portanto o intuito de trazer esse fazer disruptivo e artístico com a minha dança, através desse canal, é uma forma de incentivar que outros corpos gordos, em seus primórdios formativos, principalmente, identifiquem-se com os seus pares, assim como eu fiz. Que, através desse caminho, percebam, que existe um caminho de construção profissional possível – e que podemos, juntos construir mais caminhos como estes.

3.3 Conversas fora da curva

Desenvolvi a série de *lives*, intitulada: “Conversa Fora da Curva”, onde convidei artistas *gordes*, de diversos segmentos artísticos, para apresentarem seus relatos a partir das suas experiências com a pressão estética e a gordofobia na dança ou nas artes cênicas. Foi através desse registro em vídeo, com as entrevistas abertas, que me propus a utilizar as entrevistas semi estruturadas como recurso para pesquisa, os relatos são como um documento, um fenômeno ocorrido que se transforma em fonte de coleta⁵.

Minha primeira “Conversa Fora da Curva” foi realizada no dia 22 de outubro de 2020, com o icônico bailarino gordo, coreógrafo, diretor e grande inspiração pessoal, Diego Mac, da Macarenando Dance Concept. Conforme mencionei anteriormente, Diego fez a direção do espetáculo... no qual dancei em 2019, no Theatro São Pedro, em Porto Alegre. Realizamos uma troca de ideias através de perguntas e respostas, nas quais ambos traziam questionamentos e relatos de suas vivências. Nesta *live* tive *insights* pertinentes à minha prática em dança, também sobre espaços formativos e a importância desses espaços na aceitação de corpos diversos.

Eu sempre acho que é um problema meu, e que em alguma situação em que eu não caibo emocionalmente ou fisicamente, acho que é um problema meu. [...] E esse me parece o ponto central da gordofobia, não tem espaços pro corpo gordo, não tem espaço social, simbólico e físico, não tem espaço para a diversidade dos corpos [...] (CURVAS, em Dança - Diego Mac - 10'03 à 10'43)

Após a primeira conversa com o Diego, passei a pesquisar e a fazer contato com vários outros artistas. Foram 10 *lives* produzidas no período de 1 ano, algumas que fogem um pouco da temática proposta, mas sempre abordando de uma forma ou de outra as pressões estéticas sobre os corpos cênicos. A periodicidade das *lives* foram planejadas, num primeiro momento, para ocorrerem semanalmente, mas devido à falta de tempo e dedicação exclusiva, a autora não pode manter esta frequência, que se tornou quinzenal, e hoje é quase trimestral.

Apresento a seguir alguns trechos das entrevistas desenvolvidas, além da forma como cada convidado se apresentou para a realização da *live* em que participou, o link da playlist de *lives*, está disponível nas referências.

⁵ <[Playlist - Conversa Fora da Curva](#)>

- IV CONVERSA FORA DA CURVA, realizada em 01 de julho de 2021:

Mariana Calabrese é bailarina, atualmente graduanda em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Formada em Ballet Clássico no método Vaganova, possui vivências na área de dança contemporânea e na dança do ventre. Já lecionou aulas de Baby Class e na universidade foi Bolsista do Programa de Incentivo à Docência no ensino básico no subúrbio de Salvador.

E a gente acaba não evoluindo também, porque se você for ver um vídeo seu dançando e foca só naquilo que você não gosta, como você vai focar na sua movimentação pra você evoluir? [...] Se você só fica olhando pro formato do seu corpo, você não tá olhando pra execução do movimento! As pessoas não entendem, que pra pessoa que não é magra, é 10 vezes mais difícil você estar em um ambiente. Porque não é só a gordofobia velada, ou o embate que você tem medo de sofrer. É tudo que você se coloca e que te impede de evoluir e aprender. Não porque o seu corpo é gordo, mas porque você não tá com a mente saudável pra conseguir lidar com o seu próprio corpo. (CURVAS, em Dança - Mariana Calabrese - 23'03 à 23'42.)

- V CONVERSA FORA DA CURVA, realizada em 07 de julho de 2021:

Bel Souza, criadora e professora, bailarina e mestre em dança mineira, é radicada em Salvador desde 1998. Candomblecista e filha de Iemanjá, tem o Sol em Virgem e o ascendente em Touro, mas é salva pela Lua em Libra. Coordenadora do projeto Autocuidado para Mulheres @autocuidadomulheres e do curso de Licenciatura em Dança EAD da UFBA, onde é professora e doutoranda. Se interessa pelas articulações entre a dança e outras linguagens e campos do conhecimento como as ciências da saúde, a religiosidade, as artes marciais (especialmente o jiu-jitsu), o teatro e o audiovisual. Conheci Bel através do projeto Pitiú Textual, onde fomos convidadas a dar os nossos relatos de experiência enquanto bailarinas contra hegemônicas, e logo me encantei pela sua história e o quanto podia me identificar com ela, mulher, gorda, bailarina e lutadora!

É muito raro os espaços de formação em dança darem visibilidade aos corpos diversos, (...) mesmo na universidade, que é um espaço que aparenta ser mais tranquilo, ainda assim, a opressão é muito

grande. No discurso tá tudo bem, mas na hora de elogiarem, é só pra dizer que você emagreceu, quando não tem acessibilidade pro professor cadeirante, também acontece. (...) Os espaços de formação em dança perpetuam muito isso (..) (CURVAS, em Dança - Bel Souza - 1"14'00 à 1"15'07)

- VI CONVERSA FORA DA CURVA, realizada em 15 de julho de 2021:

Daniela Ricarte é Artista - Pesquisadora - Professora da Dança, sempre tentando se equilibrar, nesse que acredita ser o tripé das suas ações. Mestre em Educação, licenciada em Dança e Educação Física, Publicitária, Especialista no Ensino de Artes; curiosa por teimosia, produtora por necessidade e amor, figurinista, coreógrafa, amante das mudanças de morada e das internas também, forjada pelos diferentes interiores brasileiros em que já viveu. Academicamente realizou pesquisas sobre Cinema e Dança , Licenciaturas em Dança, Corpos Gordos e Dança, Diversidade Corporal para e na Dança. Artisticamente dirigiu e co-dirigiu uma série de trabalhos, coreografias e espetáculos, dentre eles "Bah, Brr"; "64"; "A Caixa das Ideias" entre outros. Como figurinista entre muitos trabalhos destaco "A Bailadeira"; "A Magia das Letras"; "Sobre Poemas, Órbitas e Mulheres". Dentre as atuações como bailarina posso trazer "A Arca de Noé"; "Histórias a Luz Vermelha"; "64"; "Como tratar da Questão", entre muitos outros. Esteve, também à frente da Estação Cultural Le Moulin, espaço de criação de arte em suas mais variadas linguagens).

Eu brinco até, quando você vai preencher uma ficha e coloca profissão, bailarino, as pessoas te olham e te dizem, não é seu hobby, é pra colocar a sua profissão (...) a gente ter que explicar o que a gente faz e porque é que a gente coloca como profissão, que não é um hobby, é um trabalho e que a gente tem que atender a expectativa daquela pessoa, né? (...) Algumas profissões as pessoas criam um estereótipo e querem que você atenda, (...) elas criam uma expectativa que é você que vai ter que cumprir! (...) (CURVAS, em Dança - Daniela Ricarte - 8'34 à 9'56)

- VIII CONVERSA FORA DA CURVA, realizada em 29 de julho de 2021:

Márcia Metz Mestre em Artes Cênicas com a pesquisa 'Gordas, gordinhas, gorduchas: a potência cênica dos corpos insurgentes'. Graduada em Teatro e

Biblioteconomia. Realizou o audiovisual 'Só é magra quem quer por uma questão de saúde em tempos pandêmicos'. Pesquisa sobre as/os corpos/os insurgentes com foco nas corpos gordas das mulheres.

Acho que quebra com uma lógica mercadológica, [...] talvez, esse corpo padrão apenas 3 pessoas no mundo tenham. Porque mesmo as pessoas ditas padrão, vão ter coisas nas quais elas não se encaixam [...] e talvez, nem passe na cabeça de alguém que é possível colocar a fadinha gorda. E por que não passa? Eu não estou isentando a pessoa, não é isso, [...] é entendendo como que a gente chega nisso, porque é tão naturalizado, que a pessoa nem pensa, e talvez não pense mesmo. E é por isso que esses momentos, aqui, de conversa e de questionamentos são importantes, pra começar a incomodar. [...] Existe quase uma barreira de não querer pensar sobre isso, acharem um exagero ou dizerem que não existe, porque é claro que dói, modificar o olhar dói. (CURVAS, em Dança - Márcia Metz - 1"12"3 à 1"13'54)

- IX CONVERSA FORA DA CURVA, realizada em 05 de agosto de 2021:

Renata Teixeira é doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Artes Cênicas pelo mesmo PPGAC e Licenciada em Teatro pela UFRGS. Bailarina da companhia de dança indiana Nrty, da cidade de Novo Hamburgo. Professora de teatro e dança. Desenvolve atualmente uma pesquisa sobre as mulheres gordas que dançam.

O corpo da mulher ele é muito encarado como um corpo público, né? Se essa mulher tá grávida, a gente acha que pode tocar na barriga, pode inclusive comentar sobre esse corpo. [...] Eu estava em um aniversário e eu fui me servir de comida, eu tava inclusive com um vestido bem justinho, [...] e veio uma mulher e tocou na minha barriga, e ela perguntou de quantos meses eu tava. [...] Acho que olhei pra ela com uma cara que deve ter queimado ela viva, e ela me disse, tu me desculpa? E eu disse, não. Eu não te desculpo! As pessoas tem que parar de fazer isso. [...] Primeiro: se eu estivesse grávida, porque tu tens que tocar na minha barriga? E outra: porque que a gravidez é sinal de alegria e felicidade? Tem pessoa que não gostaria de estar grávida e está, e podem ser várias outras coisas, né? Não tem que fazer isso, a gente não tem que tá tocando e nem comentando o corpo alheio. [...] E o corpo das mulheres parece que tá ali pra ouvir,

ser tocado, e que as pessoas tem o direito de fazer isso! (CURVAS, em Dança - Renata Teixeira - 1"33'20 à 1"35'10)

- X CONVERSA FORA DA CURVA, realizada em 09 de setembro de 2021:

Myriane Roxo que se auto define através desse texto: “Minha primeira dança foi descansando a cabeça no peito de uma mulher que me balançava suave e cantante, enquanto eu olhava fixamente pras frestas iluminadas da janela contrastando com o quarto escuro, sentindo a vibração daquela dança a duas. Essa dança-meditação onírica com música ao vivo acho que busco até hoje *ballet* infantil, *jazz* infantil, *street teen*. A Myri adulta teve dança lá pelos 20, quando alguma parte aqui voltou a pulsar. Aí eu conheci as danças de salão, me apaixonei por samba de gafeira e logo em seguida, por salsa, a qual fui estudar com mais profundidade uns anos depois. Mais estudo, mais paixão. A passagem incompleta pela Dança-UFRGS mudou muita coisa”.

Eu participava de grupos dançantes de mulheres, só composto por mulheres, e que foi muito desafiador nesse ponto. Querendo ou não a gente policia uma à outra o tempo todo, né? [...] E esse negócio do corpo é um assunto que todo o ensaio tinha [...] esse assunto aparece muito. Ahn, figurino, qual vai ser o figurino, eu não quero mostrar a minha barriga, estou muito gorda, e as ‘minas’ eram magras. Isso é horrível, eu me sentia muito mal, sabe? Porque, poxa, se tu é gorda, se teu corpo é feio, se tu tens vergonha de mostrar o teu corpo, o que sobre pra mim, né? Esse é o pensamento que a gente tem, a gente não consegue não ter esse pensamento, até porque a gente ouve isso desde muito novas, a gente não se instrumentaliza para responder a isso, né? [...] Porque é muito forte, outra mulher ali, do teu lado, te dizendo o quanto ela tá insatisfeita, tendo um corpo padrão. (CURVAS, em Dança - Myriane Roxo - 1"06'37 à 1"08'28)

Cada uma dessas conversas me trouxe um repertório de conteúdo e experiências peculiares. Pude contatar pessoas de diversos lugares do Brasil e sigo reavivando o projeto. A cada dia que passa conheço novas pessoas e construímos muitas trocas, tanto no modo presencial, quanto virtualmente com elas.

Sigo conversando, convidando, promovendo discussões e abrindo espaços para que mais corpos gordos ocupem, caibam e se expressem. Dessa maneira,

trabalhando e fortalecendo ações e ideias, através desta identificação com meus pares e dos discursos que tanto me afetam e me inspiram. Vida longa às Conversas Fora da Curva, com pessoas disruptivas, largas, potentes, cheias de curvas, insatisfações e trocas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo gordo se encontra no lugar das discontinuidades dos discursos, da margem, da anormalidade, dos escapes, do entendimento do mesmo que está sempre em movimento: histórico, simbólico, contextual. Entretanto, no Brasil, seguimos com a normalização do discurso gordofóbico, enquanto a discriminação racial, a violência contra a mulher e a homofobia são consideradas crimes, a gordofobia se encontra dentro de um pré-julgamento não visto com a devida seriedade e os efeitos letais decorrentes de sua omissão, os quais são ignorados em grande escala.

Podemos, nessa perspectiva, nomear, classificar os gordos como anormais, como aqueles que fogem à norma, a beleza padrão, ao comportamento eleito como perfeito, ideal. Quando a gordura começou a ser relacionada aos problemas de saúde, ser gordo passou a ocupar um espaço cada vez mais à margem da norma. Além de ser feio – já que o padrão de beleza portanto foi estabelecido como magro –, ser e/ou manter-se gordo pode ser apontado como falta de capacidade, de empenho, de controle. O corpo gordo é assim um corpo errado, estranho, desleixado. (RICARTE, 2019, p.XX).

É fato que em todo ambiente formativo tradicional de dança os bailarinos gordos se deparam com a exigência por um corpo magro, e a justificativa nunca é ligada à estética, é ligada à saúde. “O hábito da dieta é o mais possante sedativo político na história feminina. Uma população tranquilamente alucinada é mais dócil” (WOLF, 1992, p. 248). Assim, o corpo gordo não é visto como capaz, como potência, como possível corpo a se profissionalizar no meio. Dessa forma, ao concluir o Curso de Licenciatura em Dança me sinto na obrigação moral e educacional de apresentar a minha experiência e de tantas outras pessoas, com as quais conversei, através de um modelo acessível, possível e artístico.

O que foi debatido e explorado no canal do Youtube, Curvas em Dança, é parte da minha trajetória e a de tantos outros profissionais, artistas gordos, que superaram e trabalham para superar essa discriminação. Mas, ao final desta pesquisa, percebo que ainda necessitam se impor, a todas as pressões estéticas que permeiam o nosso meio de trabalho e formação.

As discussões aqui levantadas, geraram em mim uma necessidade de expressão através da minha arte primeva, nuclear: a dança. Sendo ela o campo de

batalha no qual o meu corpo e a minha atual situação mental sempre se encontraram, foram moldadas, em um combate que me mantém viva e com fome de produzir mais a partir disso.

Evidenciando tantas camadas das quais me despi, concluo este trabalho com uma perspectiva e muitos elementos para a composição de um futuro espetáculo, em que posso ser, da forma mais autêntica possível essa Bailarina disruptiva, que não se sente confortável com os regimes midiáticos, nem com formas de controle sutis e deliberadas.

Assim, através dos meus códigos de linguagem, tanto verbais como corpóreos, da minha vontade primitiva e irracional, de romper e rasgar, a minha concepção acerca de mim mesma, e o tecido deste discurso de morte propagado por um inamovível panorama social que criam esta concepção e este ideário, declaro que quero matar em mim, através da dança o que me une como uma cativa e refém, aos sedutores poderes tóxicos que me subjugam. *Não ser mais atraída ao que me destrói.* Quero o poder, o poder de ser eu, nos meus próprios termos, bailarina disruptiva que alarga e impõe seu corpo quebrando paradigmas que já não cabem na sociedade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. de M. C.; & ABUCHAIM, A. L. G. Bulimia nervosa: Classificação diagnóstica e quadro clínico. In: M. A. A. Nunes; J. C. Appolinário, A. L. G. Abuchaim & W. Coutinho. Transtornos Alimentares e obesidade. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998. p. 31-39. **AJUSTEI AQUI, MAS EM GERAL TEM QUE REVISAR TODA A ABNT ABAIXO.**

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo: **1.Fatos e Mitos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: **EDITORA???** 34.1992

DESPENTES, Virginie. Teoria King Kong ; tradução: Márcia Bechara, São Paulo: **n-1 edições, 2016**

D. M. de A, Júnior . História e política, ou a arte de fazer escolhas. *Estudos Ibero-Americanos*, 45(3), 186-191. **Disponível aqui!** (2019)
aTÉ ACHO INTERESSANTE ESSE NEGÓCIO DE LINK...NÃO É ABNT...SÓ TEM QUE CERTIFICAR QUE VAI FUNCIONAR!!!

EM DANÇA, Curvas. CONVERSAS FORA DA CURVA - Playlist -. **Youtube**, se vais usar negrito, padroniza... **03 de abril de 2022.** Disponível em: <Conversa fora da Curva | Curvas em Dança feat. Macarenando> **Acesso em 03 abril 2022.????**

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso Maligno *in*: Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2005

GAY, Roxane. Fome: uma autobiografia do meu corpo. São Paulo: Globo, 2017.

GENS, Xavier. X is for XXL - ABC of Death. **Youtube**, 26 de abril de 2022.
Disponível em: <X is for XXL>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da Metodologia Científica. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2001

MIRANDA, Jussara. Bio. Porto Alegre. 01 mai. 2018. Instagram: [@muovereciadedanca](https://www.instagram.com/muovereciadedanca/) Disponível em <https://www.instagram.com/muovereciadedanca/>. Acesso em: 09 de abril de 2022.

NEGRINE, Airton. Instrumentos da coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS; MOLINA NETO. A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Sulina, 2004.

NERY, Joseanne de Oliveira. Gordofobia: discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. 2018

NERY, J. L. Gordofobia: discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. XIII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNI7, 2017, Fortaleza. Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da UNI7. Fortaleza: 2017.

NOVAES, Joana. Com que corpo eu vou? 1. ed. RIO DE JANEIRO: PUC-RIO, 2005.

RICARTE, Daniela. Gordos que Dançam: estratégias para se estabelecer no campo, 2019

VILHENA, Junia. Corpo, corpo meu. Existe alguém mais imperfeito do que eu?, Rio de Janeiro 2015.

Wolf, Naomi. O Mito da Beleza, como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres ; tradução: Waldea Barcellos, Rio de Janeiro: Rocco, 1992.